

**CAPÍTULO 2 – ANDAMENTO DO PROJETO BÁSICO AMBIENTAL DO
COMPONENTE INDÍGENA**

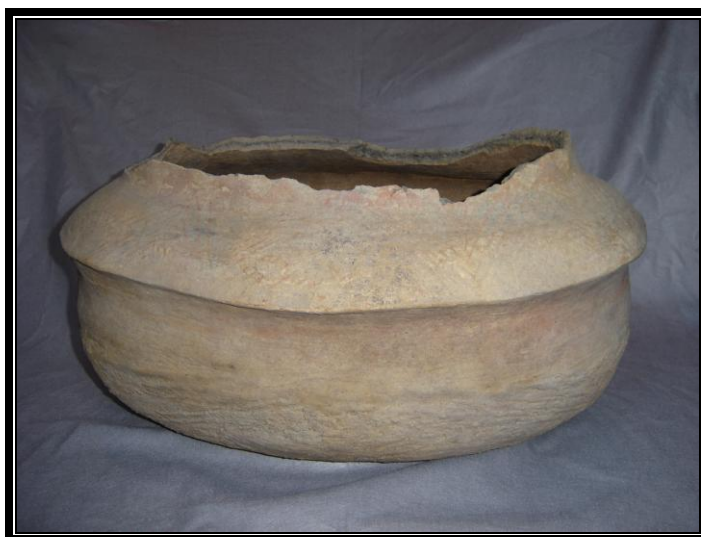
**ANEXO 11.2 – 7: PROGRAMAÇÃO EM PARCERIA COM O
NEPE - UFPE**



Proposta de atividade em parceria com grupo de professores indígenas do Médio Xingu em viagem ao estado de Pernambuco

Coleções etnográficas, museus indígenas e processos museológicos

Alexandre Gomes (NEPE/UFPE)
Renato Athias (PPGA/UFPE)



Introdução

A criação de museus a partir de processos museológicos protagonizados por populações indígenas atualmente se destaca no cenário nacional e internacional. A partir do momento em que povos indígenas formam suas próprias coleções, atribuem sentidos e criam seus museus, o antigo discurso colonialista/imperialista dos museus tradicionais/oficiais cede espaço para uma representação sobre si, uma construção em primeira pessoa, dos povos indígenas sobre eles próprios. Isso fortalece uma séria revisão do papel e significado das chamadas coleções etnográficas, ao mesmo tempo em que é crescente a organização de museus entre os povos indígenas em países como o Brasil, Canadá, Austrália, México, Peru, Colômbia, Estados Unidos e em vários outros.

As práticas de coletar e colecionar objetos com o intuito preservação, classificação e exposição, desde cedo estiveram presentes no ofício dos antropólogos. De vários modos (compra, troca, roubo etc.), objetos de formas, matérias e significados dos mais diversos foram transportados para as nações europeias e/ou para os museus oficiais, sejam históricos ou etnográficos. Hoje, de modo distinto, na esfera da ação museológica indígena, a implementação de determinadas práticas de colecionamento visando a salvaguarda e a comunicação museológicas é voltada para a construção de representações sobre si. Além de contarem suas versões da história, os museus indígenas tornam-se também “instrumento da chamada ‘causa indígena’” (Chagas, 2007, p. 181), a partir do momento em que assumem determinado lugar social para a construção de suas narrativas.

Os museus indígenas são espaços que primam pela diversidade. O que existem são diferentes formas de apropriação do “museu”, que é reinventada de acordo com cada realidade. Fenômeno que perpassa as esferas das



organizações sociais de caráter étnico, os museus indígenas possuem uma profunda relação com as formas de organização social e mobilização política destas populações. Esta “descoberta dos museus pelos índios” (Freire, 1998) ocorre num contexto fundamental de mobilização e luta política contemporânea. Se outrora, os povos indígenas foram classicamente os “representados” em museus nacionais e suas coleções etnográficas, os atuais processos de musealização resultam, em muitos casos, na solicitação de repatriamento de coleções formadas em contextos colonialistas ou imperialistas, como no Canadá e na Austrália (Clifford, 2011; Turnbull e Pickering, 2010). Esta ruptura política e conceitual abriu um importante espaço para uma revisão do olhar antropológico sobre o “outro” e para a construção de auto-representações vinculadas às cosmologias, tradições e traduções feitas pelos povos indígenas, visando a gestão de seus processos museológicos (Adaptado de: Gomes, Alexandre Oliveira. *Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Recife: UFPE, 2012)

Primeiro momento, manhã do dia 14 de maio de 2015

Visita ao Museu do Homem do Nordeste

Temática: Um museu antropológico e a visão sobre os povos indígenas

Mediador: Núcleo Educativo do Muhne e Alexandre Gomes (NEPE/UFPE)

Breve descrição: visitação a um tradicional museu etnográfico da região Nordeste do Brasil, concebido pelo antropólogo Gilberto Freire, que vem nos últimos anos sendo repensado à luz dos princípios teóricos e práticos da Museologia Social e da Antropologia pós-interpretativa, principalmente no que se refere às construções sociais sobre o Nordeste, como região, e à relação com os grupos sociais representados em suas coleções e exposições, entre estes, as populações indígenas. A atividade visa refletir sobre os museus como lugares de apresentação dos povos indígenas, suas histórias e culturas, e as possibilidades atuais de reconfiguração de discursos e práticas museais, a partir dos objetos e do trabalho educativo do Museu do Homem do Nordeste, da FUNDAJ.

Segundo momento, tarde do dia 14 de maio de 2015

Atividade no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade/UFPE

Temática: Os museus indígenas e a construção da auto-representação: compartilhando algumas experiências dos indígenas no Nordeste brasileiro

Mediador: Alexandre Gomes e integrantes do projeto Museus Indígenas em Pernambuco (NEPE/UFPE)

Breve descrição: Roda de diálogo entre os indígenas do Médio Xingu e os integrantes (estudantes, e professores, museólogos e antropólogos) do Projeto Museus Indígenas em Pernambuco (2011/2013), sobre as atividades que vem sendo desenvolvidas junto com povos indígenas no Nordeste, na perspectiva da organização e fortalecimento dos processos museológicos e museus indígenas, como espaços de construção de auto-representações, intimamente relacionados com as mobilizações étnicas e processos organizativos destes povos. A atividade visa impulsionar uma troca de experiências entre os participantes, enfatizando as potencialidades e desafios da gestão indígena dos processos museológicos e museus indígenas.

Terceiro momento, manhã do dia 15 de maio de 2015

Visita ao Museu do Estado de Pernambuco

Temática: A Coleção Carlos Estevão de Oliveira: o olhar indígena para as coleções etnográficas

Mediador: Wilke Melo (antropólogo, participante da equipe que realizou a catalogação da Coleção Carlos Estevão de Oliveira e indígena do povo Fulni-o que desenvolve ações museológicas e de memória entre o grupo).

Breve descrição: Visitação a um tradicional museu histórico do estado de Pernambuco, que possui como uma de suas principais coleções os objetos que foram reunidos pelo antropólogo Carlos Estevão de Oliveira durante sua vida. Esta coleção, que foi catalogada por pesquisadores vinculados ao NEPE/UFPE, entre 2009 e 2012, é composta de objetos e documentos referentes há mais de 54 povos indígenas no Brasil e América do Sul. A atividade visa exercitar um olhar dos indígenas participantes do grupo, mediado pelo antropólogo Wilke Melo, sobre os objetos desta coleção e o trabalho técnico de catalogação da mesma.